

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E COMUNICAÇÃO: DEBATES, TENSÕES E ASSIMETRIAS EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND COMMUNICATION: DEBATES, TENSIONS, AND ASYMMETRIES IN PERIPHERAL CONTEXTS

INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y COMUNICACIÓN: DEBATES, TENSIONES Y ASIMETRÍAS EN CONTEXTOS PERIFÉRICOS

Monica Santos Martins

Universidade Estadual Paulista (Unesp)
ORCID: 0009-0006-0510-2825
Bauru, São Paulo, Brasil

Juliano Maurício de Carvalho

Universidade Estadual Paulista (Unesp)
ORCID: 0000-0001-8515-2457
Bauru, São Paulo, Brasil

Gabriela Mackert Occhipinti

Universidade Estadual Paulista (Unesp)
ORCID: 0009-0005-6934-3831
Bauru, São Paulo, Brasil

Recebido: 16/03/2026 / **Aprovado:** 10/05/2026

Como citar: MARTINS, M. S.; CARVALHO, J. M.; OCCHIPINTI, G. M. Inteligência Artificial e Comunicação: debates, tensões e assimetrias em contextos periféricos. RevistaGEMInIS, v.17,p.361-380,2026.

Direito autoral: Sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão de escopo sobre os debates contemporâneos que articulam inteligência artificial e comunicação, com foco nas tensões e assimetrias que atravessam contextos periféricos no capitalismo digital. A partir da metodologia de *scoping review*, orientada pelo protocolo PRISMA-ScR, foram analisados artigos de revisão publicados entre 2020 e 2024, com o objetivo de mapear recorrências temáticas, problematizações críticas e lacunas na literatura. A análise evidencia que, embora a inteligência artificial seja frequentemente apresentada como vetor de inovação e eficiência, **os artigos** no campo da comunicação **frequentemente destacam** que sua incorporação está profundamente marcada por desigualdades estruturais, processos de plataformação do trabalho, concentração de poder informacional e persistência de lógicas coloniais. Os debates também apontam limites na formação crítica e técnica, desafios à soberania digital e implicações ético-simbólicas na produção de sentidos e memórias mediadas por tecnologias algorítmicas. Ao sistematizar esses eixos, o artigo contribui para uma leitura crítica da inteligência artificial como fenômeno sociotécnico, destacando a necessidade de abordagens que considerem as especificidades e vulnerabilidades dos contextos periféricos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Futuro do Trabalho; Comunicação social;

ABSTRACT

This article presents a scoping review of contemporary debates that articulate artificial intelligence and communication, focusing on the tensions and asymmetries that permeate peripheral contexts in digital capitalism. Using the scoping review methodology guided by the PRISMA-ScR protocol, review articles published between 2020 and 2024 were analyzed, with the aim of mapping thematic recurrences, critical problematizations, and gaps in the literature. The analysis shows that, although artificial intelligence is often presented as a driver of innovation and efficiency, **the articles** in the field of communication **frequently highlight** that its incorporation is deeply marked by structural inequalities, processes of labor platformization, concentration of informational power, and the persistence of colonial logics. The debates also highlight limits in critical and technical training, challenges to digital sovereignty, and ethical-symbolic implications in the production of meanings and memories mediated by algorithmic technologies. By systematizing these axes, the article contributes to a critical reading of artificial intelligence as a sociotechnical phenomenon, emphasizing the need for approaches that consider the specificities and vulnerabilities of peripheral contexts.

Keywords: Artificial Intelligence; Future of Work; Social Communication;

RESUMEN

Este artículo presenta una revisión de alcance sobre los debates contemporáneos que articulan inteligencia artificial y comunicación, con foco en las tensiones y asimetrías que atraviesan contextos periféricos en el capitalismo digital. A partir de la metodología de *scoping review*, orientada por el protocolo PRISMA-ScR, se analizaron artículos de revisión publicados entre 2020 y 2024, con el objetivo de mapear recurrencias temáticas, problematizaciones críticas y vacíos en la literatura. El análisis evidencia que, aunque la inteligencia artificial suele presentarse como vector de innovación y eficiencia, su incorporación en el campo de la comunicación está profundamente marcada por desigualdades estructurales, procesos de plataformación del trabajo, concentración de poder informacional y persistencia de lógicas coloniales. Los debates también señalan límites en la formación crítica y técnica, desafíos a la soberanía digital e implicaciones ético-simbólicas en la producción de sentidos y memorias mediadas por tecnologías algorítmicas. Al sistematizar estos ejes, el artículo contribuye a una lectura crítica de la inteligencia artificial como fenómeno sociotécnico, destacando la necesidad de enfoques que consideren las especificidades y vulnerabilidades de los contextos periféricos.

Palabras Clave: Inteligencia Artificial; Futuro del Trabajo; Comunicación social;

INTRODUÇÃO

Apesar do entusiasmo recente em torno dos avanços da Inteligência Artificial (IA), uma análise histórica demonstra que os fundamentos dessa tecnologia remontam a um percurso mais longo e complexo. Haenlein e Kaplan (2019) situam suas origens na década de 1940, quando conceitos pioneiros emergiram tanto no campo da ficção científica — como no conto *Runaround*, de Isaac Asimov — quanto no desenvolvimento de sistemas computacionais voltados à resolução de problemas. No mesmo período, Alan Turing projetou a máquina *Bombe* para decifrar o código Enigma durante a Segunda Guerra Mundial e, em 1950, formulou o teste que leva seu nome, marco teórico que permanece central nos debates sobre inteligência de sistemas artificiais. O termo “Inteligência Artificial” foi oficialmente cunhado em 1956, na Conferência de Dartmouth, inaugurando um campo de pesquisa caracterizado por ciclos de expansão e retração, até adquirir novo impulso a partir da década de 2010 com o avanço das redes neurais artificiais e das técnicas de *deep learning*¹.

Esse percurso histórico evidencia que a IA não constitui uma ruptura isolada, mas integra um processo contínuo de transformação tecnológica que incide diretamente sobre a comunicação e o acesso à informação. Ao automatizar processos, operar sobre grandes volumes de dados e simular capacidades cognitivas humanas, a IA reconfigura práticas comunicacionais, modelos de produção de conteúdo e dinâmicas de circulação do conhecimento. Tais transformações dialogam com debates já consolidados no âmbito da Sociedade da Informação. Bauman e May (2002) apontaram para a redefinição das percepções de tempo e espaço decorrente da aceleração informacional, enquanto Takahashi (2000), no chamado *Livro Verde*, destacou a centralidade estratégica da informação como recurso produtivo e do conhecimento como valor econômico estruturante. Melo (2001), por sua vez, debateu e alertou sobre os riscos de aprofundamento da exclusão digital em sociedades marcadas por desigualdades estruturais, indicando que a expansão tecnológica não se traduz automaticamente em democratização do acesso.

No campo contemporâneo das discussões sobre sociedade da informação e digitalização, Arora (2024) problematiza a concepção reducionista de inclusão baseada exclusivamente na ampliação da infraestrutura tecnológica. Para a autora, a disponibilidade de acesso não garante participação equitativa nos processos de produção, circulação e apropriação do conhecimento digital. Enquanto em contextos centrais prevalece uma abordagem crítica voltada aos riscos associados à

¹ *Deep Learning* é traduzido como “Aprendizado Profundo”, um método de inteligência artificial que usa redes neurais com muitas camadas para aprender padrões complexos nos dados.

vigilância, à privacidade e à manipulação algorítmica, em contextos periféricos o digital tende a ser percebido como possibilidade de mobilidade social e superação de barreiras históricas. Essa assimetria revela distintas condições materiais e institucionais que moldam a experiência tecnológica.

Nesse cenário, práticas como a educação autodirigida, analisadas por Bhatia, Pathak-Shelat e Arora (2023), emergem como estratégias de adaptação às exigências da economia digital, particularmente entre jovens inseridos em contextos de vulnerabilidade. Herman e Arora (2024) identificam ainda a criatividade digital como forma de expressão cultural e inserção econômica, ao mesmo tempo em que evidenciam os limites impostos por algoritmos estruturados a partir de referenciais hegemônicos. As autoras defendem, nesse sentido, a necessidade de descolonização das plataformas digitais, de modo a reconhecer e valorizar repertórios culturais diversos e mitigar hierarquias simbólicas reproduzidas no ambiente algorítmico.

Martín-Barbero (2006) reforçou que o acesso ao saber sempre esteve articulado a disputas de poder, sendo informação e conhecimento elementos centrais nos processos de desenvolvimento social, especialmente em países historicamente situados na periferia do sistema econômico global. Lourenço e Carvalho (2017) ampliam essa discussão ao examinar os impactos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas indústrias de conteúdo, destacando a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a produção cultural local frente à concentração de poder em conglomerados internacionais.

Nesse contexto, a inteligência artificial consolida-se como um dos pilares contemporâneos das TICs, com capacidade de intensificar transformações econômicas, sociais e comunicacionais. A interseção entre IA e comunicação revela uma configuração sociotécnica marcada por disputas de poder, assimetrias no acesso e na apropriação do conhecimento, além de implicações éticas e simbólicas relevantes para a produção de sentidos. Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão: como a literatura acadêmica tem problematizado os debates, tensões e assimetrias associados à adoção da inteligência artificial no campo da comunicação em contextos periféricos?

A partir dessa indagação, o presente artigo propõe uma revisão de escopo dos debates contemporâneos sobre inteligência artificial e comunicação, com especial atenção às dinâmicas que atravessam contextos periféricos no capitalismo digital. O objetivo é mapear recorrências temáticas, tensões analíticas e lacunas na produção científica recente, considerando as implicações sociotécnicas, culturais e políticas da difusão da IA. Ao sistematizar esses debates, o estudo busca contribuir para a compreensão das relações entre tecnologia, poder e desigualdade que estruturam o desenvolvimento comunicacional no cenário contemporâneo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa adotou a metodologia de revisão de escopo (*scoping review*), estratégia indicada para mapear de forma sistemática e abrangente o estado da arte em campos de investigação emergentes ou em consolidação. Tal abordagem permite identificar a extensão, o alcance e as características da produção científica sobre determinado tema, bem como esclarecer conceitos-chave, reconhecer lacunas analíticas e subsidiar agendas futuras de pesquisa.

Para assegurar transparência e reprodutibilidade, a condução do estudo seguiu as diretrizes do protocolo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses – Extension for *Scoping Reviews* (PRISMA-ScR), conforme proposto por Tricco *et al.* (2018). O protocolo orienta a definição explícita de critérios de inclusão e exclusão, além de estabelecer procedimentos sistemáticos para identificação, triagem e análise dos estudos selecionados. Diferentemente das revisões sistemáticas, a revisão de escopo não tem como finalidade avaliar a qualidade metodológica dos trabalhos incluídos, mas mapear a natureza das evidências disponíveis e compreender como determinado campo vem sendo estruturado (Codina, Lopezosa & Freixa, 2021; Salvador *et al.*, 2021).

O corpus foi composto por publicações científicas disponibilizadas entre 2020 e 2024, período marcado pela intensificação dos debates acerca da inteligência artificial, do trabalho e da comunicação no contexto da digitalização acelerada. Embora inicialmente tenha sido considerado o recorte temporal até 2025, optou-se por delimitar a busca até 2024, a fim de garantir maior estabilidade na amostragem, considerando a atualização contínua das bases indexadoras.

A coleta foi realizada por meio da plataforma Google Scholar, escolhida em razão de sua ampla cobertura multidisciplinar e alcance internacional. Foram utilizados como descritores os termos “Inteligência Artificial”, “Futuro do Trabalho”, “Comunicação Social” e “Contextos periféricos”, bem como suas correspondentes traduções para o inglês e o espanhol. A estratégia de busca buscou contemplar diferentes abordagens teóricas e perspectivas regionais. Bases como Scopus e Web of Science tendem a concentrar periódicos de maior circulação internacional e produção em língua inglesa, o que pode limitar a recuperação de parte da literatura regional, latino-americana ou publicada em português e espanhol. Como a pesquisa foca nas dinâmicas de 'contextos periféricos', a escolha exclusiva do Google Scholar também se justifica por sua capacidade superior de capturar a literatura regional latino-americana e publicações em português e espanhol, fundamentais para este mapeamento.

A busca inicial resultou em volume expressivo de documentos — aproximadamente 16.100 registros em português, 99.900 em inglês e 16.500 em espanhol no período analisado. Diante desse

quantitativo, foram estabelecidos critérios adicionais de refinamento. Primeiro, restringiu-se a análise a artigos de revisão, em consonância com o objetivo de mapear sínteses teóricas consolidadas no campo. Em seguida, observou-se que a busca irrestrita por idioma gerava elevado número de documentos com baixa aderência temática. Para mitigar esse ruído, utilizou-se o filtro “pesquisar páginas em português”, mesmo nas buscas realizadas com descritores em inglês e espanhol, estratégia que permitiu maior consistência na delimitação do corpus.

Após a aplicação dos filtros iniciais de refinamento automatizado por indexação, obteve-se um conjunto preliminar composto por 166 documentos em português, 39 em inglês e 4 em espanhol. Desse total, procedeu-se à etapa de triagem e elegibilidade mediante a leitura analítica integral de títulos, resumos e palavras-chave. Foram aplicados rigorosamente os critérios de exclusão estabelecidos, eliminação de duplicatas, indisponibilidade de texto completo e, sobretudo, a ausência de centralidade temática nas intersecções entre comunicação, assimetrias laborais e dinâmicas periféricas. Esse processo de depuração qualitativa resultou na seleção de um corpus final de 21 artigos de revisão, os quais foram submetidos à análise profunda e fundamentaram as dimensões críticas e a síntese visual do estudo.

No que refere-se às características gerais do corpus efetivamente analisado, observa-se uma forte convergência epistêmica com as áreas da Economia Política da Comunicação e dos Estudos Decoloniais, com especial enfoque nas problemáticas do capitalismo de plataforma, do microtrabalho e da precarização laboral no Sul Global. Em termos metodológicos e formais, o conjunto apresentou uma predominância de ensaios teóricos críticos e revisões de escopo (*scoping reviews*) dedicadas a sintetizar o estado da arte de fenômenos sociotécnicos ainda em consolidação. Geograficamente, há uma visível concentração de autores e periódicos baseados no Brasil e na América Latina (tais como as revistas *Organizações & Sociedade*, *Famecos* e *Intercom*), fato que valida a escolha metodológica pelo *Google Scholar* como indexador capaz de capturar a capilaridade da produção científica regionalizada. Os temas mais recorrentes no ecossistema analisado integraram o avanço da *gig economy*, o colonialismo digital e a perda de soberania nacional frente às infraestruturas das *Big Techs*, além dos tensionamentos ético-simbólicos da aplicação de IAs generativas no campo da comunicação de marcas e das indústrias criativas.

Os critérios de inclusão contemplaram: (i) artigos publicados entre 2020 e 2024; (ii) textos disponíveis em português, inglês ou espanhol; (iii) trabalhos que abordassem diretamente a relação entre inteligência artificial e comunicação; e (iv) estudos com fundamentação teórica consistente e delimitação clara do objeto de análise. Foram excluídos documentos duplicados, trabalhos com baixa

aderência ao escopo temático e publicações cuja abordagem não dialogasse com problematizações relacionadas a desigualdade, trabalho ou contextos periféricos.

Reconhece-se que o Google Scholar apresenta limitações decorrentes de seu sistema automatizado de indexação, incluindo variações nas contagens de citações e heterogeneidade na qualidade dos documentos recuperados (Prins *et al.*, 2016). No entanto, tais limitações foram mitigadas mediante critérios rigorosos de seleção e leitura integral dos textos incluídos, assegurando alinhamento metodológico e coerência com os objetivos da pesquisa.

EIXOS ANALÍTICOS DA LITERATURA SOBRE IA E COMUNICAÇÃO

A definição do escopo a ser analisado parte de um dos objetivos centrais deste estudo: mapear a intersecção entre a Inteligência Artificial e a Comunicação. Em linhas gerais, esse campo mostra-se vasto e dinâmico. Para isso, o uso da busca via Google Acadêmico é de interesse por representar uma base de dados heterogênea e de fácil acesso. Porém, apesar de suas potencialidades, o rigor científico exige a ampliação dos critérios para seu uso. Por isso, aplicaram-se aqui critérios bibliométricos, por meio de strings de busca, para refinar essa base de dados. Entre os critérios estabelecidos estão: palavras-chave (Inteligência Artificial; Futuro do Trabalho; Comunicação Social; Sul Global), idioma (português, inglês e espanhol) e recorte temporal (2020–2024). Além disso, priorizaram-se materiais com lastro científico, como publicações em periódicos científicos que adotam critérios editoriais baseados em revisão por pares e métricas de análise, além de acesso aberto. Desse modo, foi possível refinar os resultados, o que levou a uma redução considerável do escopo analisado, evidenciando o papel do Google Acadêmico como ferramenta exploratória a ser utilizada em discussões iniciais, a fim de introduzir temáticas que posteriormente possam ser analisadas em estudos mais complexos.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão definidos na estratégia de busca — recorte temporal (2020–2024), idioma (português, espanhol e inglês), aderência temática e consistência metodológica — foram selecionados aproximadamente 166 documentos em português, 39 em inglês e 4 em espanhol. Além da filtragem baseada nesses parâmetros, foram excluídos trabalhos duplicados, textos sem foco direto na relação entre inteligência artificial e comunicação e publicações cuja abordagem não dialogasse com problematizações relativas a desigualdades estruturais e dinâmicas periféricas. Esse refinamento permitiu consolidar um corpus alinhado ao objetivo analítico da pesquisa.

Em síntese, os estudos examinados indicam que a inteligência artificial tem reconfigurado o campo da comunicação ao introduzir processos de automação, novos formatos de produção e modelos

de circulação de conteúdo. Contudo, tais transformações são acompanhadas por desafios regulatórios, profissionais e estruturais que se manifestam de maneira particularmente aguda em contextos periféricos. García Caballero, Sidorenko Bautista e Herranz de la Casa (2021) destacam que a adoção de tecnologias emergentes depende não apenas de infraestrutura, mas também de níveis adequados de alfabetização tecnológica e engajamento do público. Os autores observam ainda que a pandemia de Covid-19 impactou o ritmo de implementação de tecnologias como 5G e inteligência artificial, essenciais ao desenvolvimento de aplicações associadas à realidade virtual e a novos formatos imersivos.

Além dos entraves conjunturais, os estudos apontam limitações estruturais relacionadas ao custo elevado de produção, à incerteza quanto à rentabilidade e à resistência de parte dos usuários, seja pela ausência de dispositivos adequados, seja pela preferência por formatos tradicionais. Nesse cenário, a formação tecnológica emerge como dimensão estratégica, sendo considerada condição necessária tanto para a qualificação de profissionais quanto para a ampliação da participação crítica do público.

Paralelamente, Leão *et al.* (2023) identificam que vazios institucionais — tais como ausência de regulamentação específica, escassez de mão de obra qualificada, acesso restrito a bases de dados e limitações financeiras — constituem obstáculos centrais aos processos de digitalização em economias periféricas ou de industrialização recente. Ainda assim, os autores observam que organizações inseridas nesses contextos demonstram capacidade adaptativa ao explorar oportunidades e implementar estratégias digitais compatíveis com suas condições estruturais. Essa dinâmica revela que a incorporação da inteligência artificial não se dá de forma linear, mas resulta de negociações contínuas entre restrições materiais, capacidades locais e pressões globais do mercado digital.

Outro aspecto recorrente na literatura refere-se ao papel do avanço tecnológico e da globalização — especialmente no contexto da chamada Quarta Revolução Industrial — na reconfiguração das relações de trabalho. A expansão da *gig economy*², caracterizada por atividades temporárias, fragmentadas e sob demanda, mediadas por plataformas digitais, tem promovido novas formas de organização laboral. Nesse modelo, observa-se a predominância de duas modalidades principais: o trabalho de multidão (*crowdworking*)³ e o trabalho sob demanda via aplicativos.

² “Gig economy” é traduzido como “economia de bicos”, um modelo de trabalho baseado em tarefas temporárias e sob demanda, geralmente mediadas por plataformas digitais.

³ “Crowdworking” é traduzido como “trabalho coletivo online”, um modelo em que muitas pessoas contribuem pequenas tarefas pela internet para realizar projetos maiores.

Conforme argumentam Carneiro *et al.* (2023), tal configuração estabelece um desequilíbrio estrutural, marcado pela imposição de múltiplas exigências aos trabalhadores — flexibilidade, disponibilidade contínua, desempenho monitorado por algoritmos — sem a correspondente oferta de recursos institucionais ou garantias trabalhistas. Essa assimetria tende a impactar negativamente as condições de trabalho, o bem-estar e a saúde mental dos profissionais inseridos nesse ecossistema digital.

A partir das análises realizadas, elaborou-se um mapa conceitual destinado a sintetizar as principais dimensões identificadas na revisão de escopo. Foram delineados sete eixos temáticos que estruturam criticamente os debates contemporâneos sobre a incorporação da inteligência artificial em contextos periféricos. Esses eixos contemplam: os efeitos da plataformização do trabalho e da informalização digital; as lacunas formativas e as desigualdades no desenvolvimento de competências técnicas; as implicações da colonialidade digital e da concentração de poder informacional; os desafios associados à soberania digital e aos impactos socioambientais das infraestruturas tecnológicas; e as questões éticas e simbólicas decorrentes da aplicação da IA generativa no campo da comunicação.

O mapa conceitual não se limita a organizar categorias temáticas, mas evidencia a interdependência entre essas dimensões, situando os contextos periféricos como espaços de tensão, negociação e produção de conhecimento. Ao destacar essas articulações, a síntese visual reforça a compreensão da inteligência artificial como fenômeno sociotécnico atravessado por disputas estruturais no capitalismo digital.

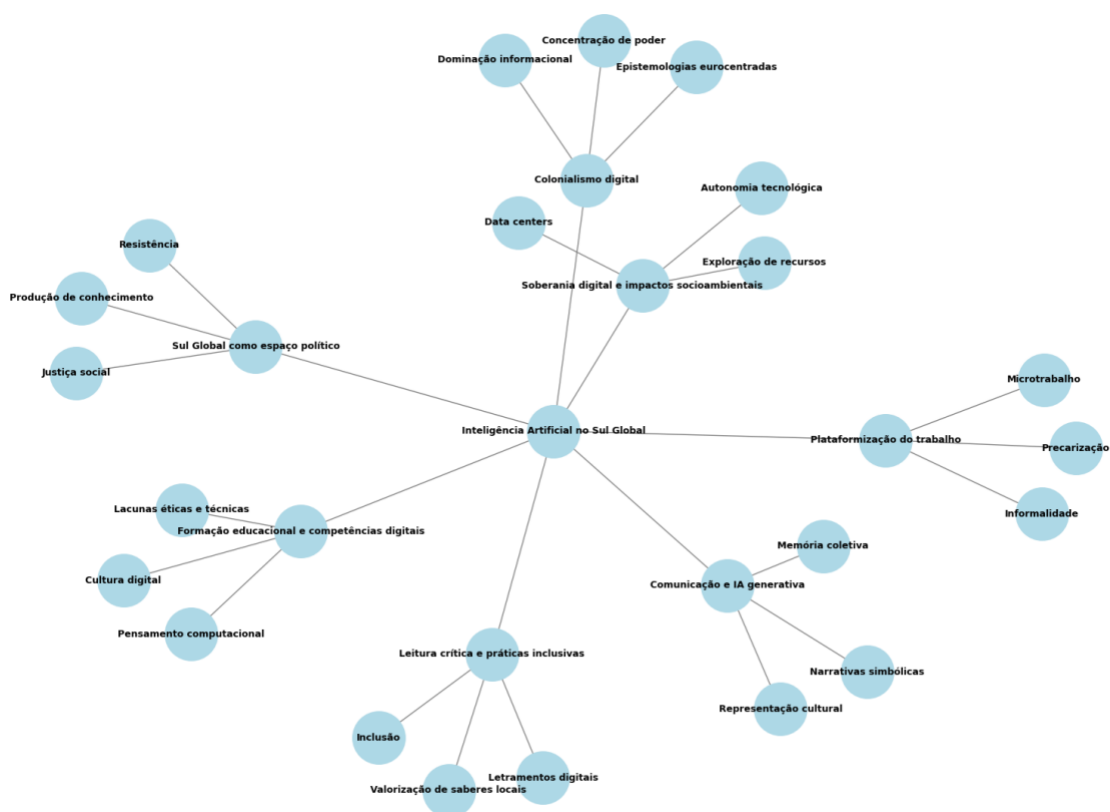


Figura 1 – Mapa conceitual dos eixos temáticos

Fonte: Imagem gerada com a inteligência artificial generativa da Microsoft - Copilot, com base em texto fornecido pelas autoras.

DEBATES E TENSÕES EMERGENTES EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS

Com a consolidação do chamado capitalismo de plataforma — entendido como forma de organização da produção e da prestação de serviços centrada na economia digital, no uso intensivo de tecnologias da informação, dados e internet, e na centralidade das plataformas como infraestruturas mediadoras dos negócios (Kalil, 2019) — os processos de digitalização tornaram-se estruturantes das relações de trabalho. Nesse contexto, as dinâmicas laborais passaram a incorporar ferramentas voltadas à otimização e à eficiência produtiva, ao mesmo tempo em que emergiram novas formas de controle, intensificação e fragmentação do trabalho.

A incorporação de tecnologias emergentes, como a Inteligência Artificial (IA), aprofunda tais transformações, ampliando tensões já existentes e intensificando assimetrias globais. A difusão da IA nos processos produtivos não apenas redefine competências e rotinas profissionais, mas também acentua disparidades entre contextos centrais e periféricos no sistema econômico internacional. Paralelamente à promessa de inovação e produtividade, observa-se a ampliação de formas de precarização e o risco de substituição ou reconfiguração de postos de trabalho.

O Working Paper 95 da Organização Internacional do Trabalho (Cappelli; Rogovsky, 2023) enfatiza a necessidade de que governos e atores sociais formulem políticas públicas e estratégias regulatórias capazes de responder tanto às oportunidades quanto aos desafios decorrentes da adoção da IA no mundo do trabalho. Nesse cenário, a noção de economia do conhecimento (Drucker, 1969) adquire centralidade, configurando-se como elemento decisivo nas dinâmicas de desenvolvimento socioeconômico. Contudo, as condições estruturais que sustentam essa economia encontram-se distribuídas de maneira desigual, reforçando disparidades históricas entre diferentes regiões do globo.

Desde meados dos anos 2000, observa-se a expansão do mercado de microtarefas em plataformas digitais, segmento vinculado ao chamado microtrabalho. Esse modelo consolidou-se como componente relevante da cadeia produtiva da IA, especialmente no treinamento e na rotulação de dados utilizados por sistemas algorítmicos. A plataformação do trabalho instituiu, assim, formas de atividade online caracterizadas pela execução de tarefas fragmentadas, repetitivas e de baixa complexidade, remuneradas por demanda e sem garantias trabalhistas ou proteção social.

Conforme argumentam Viana Braz, Tubaro e Casilli (2023), embora invisibilizado e disperso globalmente, o microtrabalho desempenha papel fundamental no desenvolvimento tecnológico contemporâneo, sobretudo na sustentação das infraestruturas de inteligência artificial. Ainda que essas plataformas promovam tais atividades como oportunidades de geração de renda complementar, sua expansão ocorre frequentemente em contextos marcados por vulnerabilidade social e econômica, explorando assimetrias estruturais presentes em economias periféricas. Desse modo, a promessa de inclusão digital convive com dinâmicas de subordinação e dependência que atravessam a cadeia global de produção tecnológica.

De acordo com Viana Braz, Tubaro e Casilli, no Brasil o microtrabalho encontra-se fortemente associado ao desemprego estrutural e à crescente informalização das relações laborais. Diante da escassez de oportunidades formais e da precarização das condições de trabalho, as plataformas digitais passam a operar como alternativa de geração de renda, ainda que sob regimes altamente instáveis. Nesse contexto, configura-se uma geografia global do microtrabalho, marcada pela exploração de mão de obra barata, informal e periférica por empresas sediadas em países do Norte Global. Tal dinâmica revela uma assimetria estrutural na cadeia de valor da inteligência artificial, uma vez que o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de sistemas algorítmicos dependem substancialmente de trabalho humano para tarefas de rotulação, curadoria e treinamento de dados.

Reafirma-se, assim, o caráter estratégico da regulação e da construção de parâmetros éticos amplamente debatidos no campo público. O microtrabalho, embora invisibilizado, ocupa posição

central na economia das plataformas e no desenvolvimento tecnológico contemporâneo, exigindo marcos normativos capazes de enfrentar as desigualdades que sustentam essa engrenagem produtiva.

O conceito de Sul Global, conforme problematizado por Duarte (2024), ultrapassa a mera delimitação geográfica e assume densidade histórica e sociológica, designando países de industrialização tardia, atravessados por desigualdades estruturais e dependência tecnológica. A autora enfatiza que o termo “sul” remete a uma condição histórica de exploração e subalternização, consolidada ao longo dos processos coloniais e atualizada nas dinâmicas contemporâneas da economia digital. No cenário da nova globalização impulsionada pela inteligência artificial, observa-se, entretanto, um movimento ambivalente: se, por um lado, persistem hierarquias estruturais, por outro, emergem possibilidades de reposicionamento estratégico dessas nações, desde que acompanhadas por políticas de inovação, inclusão e justiça social.

A persistência dessas hierarquias é aprofundada por Fornasier e Brun (2025), que articulam colonialismo, colonialidade e neocolonialismo tardio à ascensão das tecnologias da informação e dos sistemas de IA. A distinção entre colonialismo — dominação territorial direta — e colonialidade — continuidade das dinâmicas de poder após os processos formais de independência — permite compreender como a dominação se reconfigura no ambiente digital. O chamado colonialismo digital manifesta-se na concentração de poder nas *big techs*⁴ sediadas no Norte Global, na imposição de epistemologias eurocentradas e na apropriação massiva de dados provenientes de contextos periféricos.

Inspirados no giro decolonial, os autores recorrem à analítica do ser, do saber e do poder para evidenciar como a colonialidade se reproduz: na desumanização de subjetividades subalternizadas (colonialidade do ser), na hierarquização epistêmica que desvaloriza conhecimentos produzidos fora do eixo euro-americano (colonialidade do saber) e na manutenção de estruturas globais de dominação política e econômica (colonialidade do poder). A superação desse paradigma pressupõe a emergência de sujeitos do Sul Global como produtores de conhecimento e agentes de redefinição dos parâmetros éticos, técnicos e políticos da IA.

Nessa direção, Medrado (*apud* Goes, 2025) ressignifica o Sul Global como espaço político e simbólico de articulação entre saberes, práticas e resistências. O conceito deixa de designar apenas territórios periféricos e passa a operar como projeto de solidariedade política e epistemológica. Tal perspectiva permite aproximar realidades distintas que compartilham desafios relacionados à marginalização social, à exclusão informacional e à invisibilidade midiática. A alfabetização

⁴ “Big Techs” é traduzido como “grandes empresas de tecnologia”, referindo-se às corporações líderes globais do setor digital, como Google, Apple, Microsoft, Amazon e Meta.

mediática crítica, articulada à literacia de dados e à proteção digital, emerge como instrumento fundamental de empoderamento coletivo. Trata-se de ultrapassar abordagens instrumentalistas e promover práticas de autorrepresentação, consciência política e autonomia informacional frente aos riscos da desinformação e da vigilância algorítmica.

Apesar do potencial transformador da inteligência artificial em áreas como saúde, mobilidade e educação, sua trajetória recente tem sido predominantemente orientada por lógicas mercadológicas. Rêgo (2025) argumenta que a IA, até o momento, não tem operado como instrumento de justiça social, mas como vetor de acumulação de capital concentrado em grandes corporações tecnológicas. Essa dinâmica aprofunda desigualdades globais, sobretudo em países do Sul Global, onde os impactos da exploração de recursos humanos e naturais tendem a ser mais intensos. Os desafios éticos e políticos da IA, portanto, demandam abordagem crítica que considere não apenas seus benefícios tecnológicos, mas também seus efeitos estruturais.

No campo educacional, Ferro (2025) analisa o *AI Competency Framework for Students* da UNESCO (2024) em diálogo com a BNCC (BRASIL, 2017) e a BNCC Computação (BRASIL, 2022). Embora identifique avanços relacionados ao pensamento computacional, à cultura digital e ao uso ético das tecnologias, o estudo aponta lacunas significativas na abordagem de temas como vieses algorítmicos, impactos sociais da IA e desenvolvimento de competências técnicas avançadas. A ausência de formação crítica e especializada contribui para manter o Brasil em posição predominantemente consumidora de tecnologias emergentes, dificultando sua inserção como produtor e inovador no ecossistema digital.

A discussão sobre soberania digital é aprofundada por Furtado e Cunha (2024), que analisam os impactos socioambientais das infraestruturas tecnológicas. Enquanto corporações promovem discursos tecno-otimistas e práticas de *greenwashing*⁵, permanecem invisibilizados os custos materiais da indústria da IA, como o elevado consumo energético, a utilização intensiva de água e a emissão de gases de efeito estufa. A concentração dessas infraestruturas em territórios periféricos reforça processos de ocupação territorial e exploração de recursos naturais.

O colonialismo digital, nesse contexto, compromete a autonomia estatal ao tornar governos dependentes de infraestruturas que não controlam. A soberania digital passa a ser compreendida como dimensão estratégica da soberania nacional, articulando-se à soberania permanente sobre recursos naturais como forma de resistir à subordinação tecnológica e alinhar o desenvolvimento digital a interesses locais e sustentáveis.

⁵ “*Greenwashing*” é traduzido em uma palavra como “maquiagem verde”, usada para descrever práticas em que empresas fingem ser sustentáveis ou ambientalmente responsáveis sem realmente adotar medidas efetivas.

No campo da comunicação de marcas, a aplicação da IA generativa revela outra dimensão dessas tensões. Na análise de Nunes *et al.* (2024), a campanha “VW 70 anos/VW Brasil” constitui exemplo emblemático ao recriar digitalmente a cantora Elis Regina em dueto com sua filha, Maria Rita, por meio de técnicas de *deep learning* e modelagem generativa. A iniciativa demonstra o potencial estético e emocional da IA, mas também suscita questões relativas à autoria, à memória e à instrumentalização do passado. Conforme argumentam Nunes *et al.* (2024), a campanha constrói memórias tensionadas por apagamentos ético-políticos, promovendo uma edição seletiva da história.

A análise semiótica evidencia que a IA atua não apenas como ferramenta técnica, mas como agente de mediação simbólica. Ao suprimir referências à repressão política presentes na canção original, a narrativa publicitária desloca sentidos históricos em favor de objetivos mercadológicos. O caso explicita um desafio central para o campo da comunicação e do trabalho criativo: a necessidade de novos letramentos críticos capazes de interpretar e problematizar produções mediadas por algoritmos.

Assim, a sofisticação técnica da IA generativa convive com riscos de manipulação simbólica e apagamento histórico. No contexto do futuro do trabalho nas indústrias criativas, torna-se imperativo desenvolver competências éticas, culturais e tecnológicas que permitam compreender a IA não apenas como ferramenta de inovação, mas como dispositivo de poder inserido em disputas globais por memória, conhecimento e soberania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de escopo realizada neste estudo permitiu identificar e sistematizar um conjunto articulado de eixos temáticos que evidenciam os impactos da inteligência artificial (IA) nas dinâmicas sociais, comunicacionais e laborais, com especial atenção aos contextos do Sul Global. A análise demonstra que, embora a IA represente avanços expressivos em diferentes setores, sua difusão ocorre sob tensões estruturais que contrapõem inovação tecnológica e aprofundamento das desigualdades, demandando abordagens críticas, interdisciplinares e situadas.

A plataformização do trabalho configura-se como um dos vetores centrais dessa transformação. Se, por um lado, amplia possibilidades de inserção produtiva mediada por tecnologias digitais, por outro, intensifica processos de informalização e precarização, especialmente em territórios periféricos. O microtrabalho, amplamente disseminado em plataformas digitais, desempenha função estratégica na cadeia produtiva da IA — particularmente no treinamento e na

curadoria de dados —, embora permaneça invisibilizado pelas narrativas hegemônicas que apresentam a economia digital como sinônimo de inclusão e modernização.

No campo educacional, observam-se avanços pontuais na incorporação de competências digitais e no reconhecimento da centralidade do pensamento computacional. Persistem, contudo, lacunas relevantes na formação ética, crítica e técnica voltada à inteligência artificial. Tal insuficiência formativa tende a limitar o protagonismo de países do Sul Global na produção de tecnologias emergentes, reforçando sua inserção predominantemente como consumidores no ecossistema digital global.

A análise também evidencia a atualização de estruturas coloniais no ambiente digital, por meio da concentração de poder informacional nas grandes corporações tecnológicas e da consolidação do chamado colonialismo digital. Nesse quadro, o Sul Global é ressignificado não apenas como categoria geopolítica, mas como espaço político e simbólico de resistência e produção de conhecimento. Seu potencial de integração entre inovação tecnológica e justiça social, entretanto, depende do enfrentamento das barreiras históricas de exclusão, dependência e subalternização tecnológica.

A soberania digital e os impactos socioambientais das infraestruturas tecnológicas emergem como dimensões estratégicas, particularmente diante da expansão de data centers, da extração intensiva de recursos naturais e da dependência de infraestruturas controladas por corporações transnacionais. A articulação entre soberania digital e soberania sobre recursos naturais apresenta-se como horizonte possível para um desenvolvimento tecnológico alinhado a interesses locais, sustentáveis e socialmente orientados.

Por fim, no campo da comunicação, a aplicação da IA generativa explicita desafios éticos e simbólicos relacionados à memória coletiva, à representação cultural e à produção de sentidos. A sofisticação técnica dessas ferramentas não elimina — ao contrário, intensifica — a necessidade de letramentos críticos capazes de problematizar seus usos e efeitos, especialmente nas indústrias criativas.

Diante desse panorama, a inteligência artificial deve ser compreendida não apenas como inovação tecnológica, mas como fenômeno sociotécnico atravessado por disputas de poder, assimetrias globais e escolhas políticas. A construção de futuros mais justos e plurais no Sul Global depende da capacidade de articular regulação, formação crítica e valorização de epistemologias locais, de modo a reposicionar esses contextos como agentes ativos na definição dos rumos da transformação digital.

REFERÊNCIAS

ARORA, Payal. **The privilege of pessimism**: the politics of despair towards the digital and the moral imperative to hope. Dialogues on Digital Society, Utrecht University, Utrecht, 2024.

Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/dds>. Acesso em: 28 out. 2024.

BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BHATIA, Kiran Vinod; PATHAK-SHELAT, Manisha; ARORA, Payal. DIY education in the digital era: youth-driven learning strategies and curricula for the future of work opportunities.

Education and Information Technologies, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10639-023-11750-4>. Acesso em: 28 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 maio 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 2/2022, de 17 de fevereiro de 2022**. Normas sobre Computação na Educação Básica – Complemento à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: CNE, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2022-pdf/236781-pcb002-22/file>. Acesso em: 15 maio 2026.

CAPPELLI, Peter; ROGOVSKY, Nikolai. **Artificial intelligence in human resource management**: a challenge for the human-centred agenda? ILO Working Paper 95. Geneva: ILO, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.54394/ohvv4382>.

CARNEIRO, Laila Leite *et al.* Demands and resources in work mediated by digital platforms: a scoping review of the literature. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 30, n. 104, p. 110–140, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-92302023v30n0004EN>. Acesso em: 14 set. 2025.

CODINA, Lluís; LOPEZOSA, Carlos; FREIXA, Pere. Scoping reviews en trabajos académicos en comunicación: Frameworks y fuentes. In: LARRONDO URETA, A.; MESO AYERDI, K.; PEÑA FERNÁNDEZ, S. (eds.). **Información y Big Data en el sistema híbrido de medios**. [S. l.]: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2021. p. 1–13.

DRUCKER, Peter F. **The Age of Discontinuity**: Guidelines to Our Changing Society. Nova Iorque: Harper & Row, 1969.

DUARTE, Bruna Leite. O Sul Global e a nova globalização no contexto da evolução da inteligência artificial. **Revista Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 21, n. 13, p. 01–10, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n13-130.

FERRO, F. Preparando estudantes brasileiros para a era da inteligência artificial: uma análise baseada no framework de competências da UNESCO. In: **Workshop sobre Educação em Computação (WEI)**, 2025. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wei/article/view/36275>. Acesso em: 22 ago. 2025.

FORNASIER, Mateus de Oliveira; BRUN, Diogo Alonço. A colonialidade das novas tecnologias: uma proposta de giro decolonial na era da inteligência artificial. **Revista Direito Práxis**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, 2025.

FURTADO, João H. de S.; CUNHA, Maurício G. Inteligência artificial, data centers e colonialismo digital: impactos socioambientais e geopolíticos sob a perspectiva da soberania digital. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 284-306, 2024.

GARCÍA CABALLERO, Sara; SIDORENKO BAUTISTA, Pavel; HERRANZ DE LA CASA, José María. Conteúdo 360°, Realidade Virtual e Jornalismo Imersivo: Uma Revisão Actual dos Média Utilizando estes Formatos. **Revista Comunicando**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 87–118, 2021. Disponível em: <https://www.revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/66>. Acesso em: 14 set. 2025.

GOES, Beatriz Silva. Alfabetização midiática, midiativismo e a escuta do Sul Global: entrevista com Andrea Medrado. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 360–379, 2025. DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479.

HAENLEIN, Michael; KAPLAN, Andreas. A brief history of artificial intelligence: on the past, present, and future of artificial intelligence. **California Management Review**, v. 61, n. 4, p. 5-14, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0008125619864925>. Acesso em: 20 out. 2024.

HERMAN, Laura M.; ARORA, Payal. Decolonizing creativity in the digital era. **Dialogues on Digital Society**, Utrecht University, Utrecht, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21606/iasdr.2023.307>. Acesso em: 26 out. 2024.

KALIL, Renan Bernardi. **Capitalismo de plataforma e Direito do Trabalho**: crowdwork e trabalho sob demanda por meio de aplicativos. 2019. Tese (Doutorado em Direito do Trabalho) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LEÃO, Pablo *et al.* O fenômeno da digitalização e estratégias digitais em países emergentes: uma revisão semissistemática. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 24, n. 3, 2023. Disponível em: <https://link.gale.com/apps/doc/A751346415/IFME>. Acesso em: 14 set. 2025.

LOURENÇO, André Luís; CARVALHO, Juliano Maurício de. Sociedade da informação e integração regional. In: CABALLERO, F. S. *et al.* (orgs.). **Políticas de Comunicación e Integración Económica Intercontinental**. Quito: Ciespal, 2017. p. 134–145.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade Mediaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-MARTÍN, Alberto *et al.* Google Scholar, Web of Science, and Scopus: a systematic comparison of citations in 252 subject categories. **Journal of Informetrics**, [S. l.], v. 12, n. 4, p. 1160-1177, 2018.

MELO, José Marques de. Muralha digital: desafios brasileiros para construir uma sociedade do conhecimento. In: PERUZZO, C.; BRITTES, J. (orgs.). **Sociedade da Informação e novas mídias: participação ou exclusão?** São Paulo: INTERCOM, 2001.

NUNES, M. R. F. *et al.* Memória (do futuro), inteligência artificial e publicidade: os 70 anos da Volkswagen no Brasil. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 1-18, 2024.

PRINS, Ad A. M. *et al.* Using Google Scholar in research evaluation of humanities and social science programs: a comparison with Web of Science data. **Research Evaluation**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 264–270, 2016.

RÊGO, Ana Regina. Comunicação em tempos de inteligência artificial: ampliação ou redução das desigualdades? **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 48, e2025102, 2025.

SALVADOR, Pétala Tuani Candido de Oliveira *et al.* Contribuições da scoping review na produção da área da saúde: reflexões e perspectivas. **Revista Enfermagem Digital Cuidado e Promoção da Saúde**, [S. l.], v. 6, p. 6-34, 2021.

TAKAHASHI, T. (org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TRICCO, Andrea C. *et al.* PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. **Annals Of Internal Medicine**, [S. l.], v. 169, n. 7, p. 467-473, 2018.

UNESCO. **AI competency framework for students**. Paris: UNESCO, 2024. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000391105>. Acesso em: 15 maio 2026.

VIANA BRAZ, Matheus; TUBARO, Paola; CASILLI, Antonio A. **Microtrabalho no Brasil: quem são os trabalhadores por trás da inteligência artificial?** Relatório de Pesquisa DIPLab & LATRAPs, 2023. Disponível em: <https://diplab.eu/?p=2833>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: não se aplica.

Fontes de financiamento: não se aplica.

Apresentação anterior: não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não se aplica.

Monica Santos Martins

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e mestra em Comunicação pela mesma instituição. É especialista em Comunicação nas Organizações, graduada em Administração pela Universidade Sagrado Coração e possui MBA em Marketing pela Fundação Getulio Vargas (FGV). É membro do Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia, Educação e Criatividade (Lecotec), onde desenvolve estudos relacionados a mídia, comunicação em ambientes digitais e Inteligência Artificial. Atua como profissional de Comunicação e Marketing no Senac São Paulo, com experiência em planejamento, estratégia de comunicação, marketing e inteligência de mercado. Seus interesses de pesquisa concentram-se em Inteligência Artificial, comunicação, tecnologias digitais, educação, inovação e transformações no mundo do trabalho.

E-mail: monica.martins@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0510-2825>

Juliano Maurício de Carvalho

Professor Associado Titular de Políticas de Comunicação, Mídia e Indústrias Criativas na Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde leciona no Departamento de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia. Também dirige o Lecotec, Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia, Educação e Criatividade, na Escola de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. É doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (Unesp), mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Realizou pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Sevilha e na Universidade Carlos III de Madrid e atuou como professor visitante em instituições na Europa e na América Central. Sua pesquisa concentra-se em jornalismo e inovação, políticas de comunicação, gestão da informação, criatividade e economia da comunicação e da cultura. É coeditor dos volumes *Revisiting MacBride: Utopias and Dystopias* (2021), *Media, Innovative Culture, and Creative Economy in Pandemic Times* (2020), *Communication Policies: Institutions, Technology, and Regulation* (2019), *Journalism and Convergence* (2014), *Political Economy of Communication: Digitalization and Society* (2013) e *The New Radio: Broadcasting Scenarios in the Digital Era* (2010). Ocupou cargos de liderança em organizações acadêmicas e da sociedade civil, como o Fórum Nacional para a Democratização da Comunicação, a Associação Brasileira de Televisão Universitária, o Grupo de Trabalho de Políticas de Comunicação da Intercom, o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo e a União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura.

E-mail: juliano.mauricio@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8515-2457>

Gabriela Mackert Occhipinti

Graduada em Gestão de Negócios e Inovação pela Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (2021). É graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; (Unesp) em Bauru e atualmente é estagiária de Jornalismo na Globo e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia, Educação e Criatividade (Lecotec), da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Unesp Bauru, onde pesquisa sobre Jornalismo, Inteligência Artificial e Inovação. Foi aluna do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero em São Paulo. Nesta instituição desenvolveu a iniciação científica: “Respeitável público: Um modelo de negócios para o público e para o jornalista”, vinculado ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Cásper, sob orientação da Profa. Dra. Marli Dos Santos. Em 2022, atuou como estagiária-repórter de carreira, consumo e mercado no site Money Times. De 2023 a 2024, foi estagiária-repórter de entretenimento, carreira, moda e beleza, e casa e decoração na Revista Ana Maria Digital. Venceu a terceira edição do Prêmio de Comunicação Fundação José Luiz Egydio Setúbal, na categoria Áudio/Estudante com o podcast “Uma Dose de Informação” (2023). Desenvolveu, entre os anos de 2024 e 2025, a pesquisa: “Jornalismo do futuro: possibilidades dos modelos de negócio impulsionados por Inteligência Artificial”; com bolsa de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Foi também estagiária em pesquisa (2025), com amparo de uma BEPE/FAPESP, no Grupo de Pesquisa LabCom da Universidade da Beira Interior (UBI) em Covilhã, Portugal.

E-mail: gabriela.occhipinti@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6934-3831>